



**CONSTRUÇÃO SOBRE O PERFIL IDENTITÁRIO DOS (AS) JOVENS NEGROS (AS)
ATENDIDOS (AS) PELO CUCA CHE GUEVARA EM FORTALEZA (CE) - reflexões
sobre a questão étnico-racial e juventude**

**Letícia Sampaio Pequeno¹
Carlos Marcelo Silva Patricio²
Ana Camila Ribeiro de Paula³
Renata Priscila Oliveira Fonseca⁴
Jane Meyre Silva Costa⁵**

RESUMO: Este trabalho visa compreender a relação existente entre a identidade negra e a juventude para os jovens negros atendidos pelo Centro Urbano de Cultura, Artes, Ciência e Esporte – CUCA Che Guevara, localizado no bairro Barra do Ceará, na cidade de Fortaleza/Ceará. Em síntese, para compreender mais sobre esta relação entre políticas sociais e juventude pretende-se, por meio do desenvolvimento das tecnologias sociais na referida Instituição, promover o empoderamento desses jovens na sua comunidade, para que possam reverter a situação de discriminação e violência em que se encontram mediante a utilização de uma metodologia participativa.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Juventude. Identidade.

ABSTRACT: This work seeks to understand the relationship between black identity and youth for young blacks assisted by the Center for Urban Culture, Arts, Science and Sports - CUCA Che Guevara, located in the neighbourhood of Barra do Ceará, in the city of Fortaleza/Ceará. In summary, to understand more about the relation between social policy and youth, using the social technologies development in this institution, it is intended to promote the empowerment of these young people in their community so they can turn the tide of the situation of violence and discrimination they are and start to recognize their own rights and citizenship, by using a participative methodology.

Keywords: ethnic-racial relations. Youth. Identity.

¹ Estudante de Graduação. Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: leticiasampaiu@gmail.com.

² Estudante de Graduação. Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: patriciomarcelo@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação. Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: anacamila.servicosocial@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação. Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: renatasersocial@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação. Universidade Estadual do Ceará (UECE).



I – INTRODUÇÃO

A juventude, como categoria socialmente construída, proporciona intensos e enriquecedores debates. Não por se tratar apenas um estágio da vida, ou de uma faixa etária, ou de um grupo coeso e unitário, mas por representar o conjunto de comportamentos, particularidades e diversidades a ela atribuídos. Diante disso, pode-se frisar que temos “juventudes”, as quais influenciam a sociedade moderna, com seus estilos, suas artes, seus modos de criar e inovar, assumindo papel de extrema relevância nos estudos acadêmicos. No que se refere à juventude negra, por vezes, é remetida ao olhar da violência, do analfabetismo, do desemprego sem uma discussão aprofundada sobre a sua relação com a identidade, com a cultura e suas formas de pertencimento.

Dessa madeira, utilizaremos este recorte étnico e geracional para discutir as políticas sociais voltadas à juventude na contemporaneidade, assim como a juventude negra cearense e sua inserção na cultura, as formas de lazer, os estilos e movimentos culturais, os processos identitários e sua forma de identificação. Muitas vezes, esta parcela significativa da juventude que atua e desenvolve diferentes práticas no interior de grupos culturais juvenis não é considerada como possível interlocutora por aqueles que formulam e desenvolvem políticas sociais.

Além das problemáticas que estão inseridos a partir do processo de vulnerabilidade social, as suas práticas, suas formas de identidade são construídas a partir de um modelo vigente repassado nas escolas e meios de comunicação como padrão do jovem, branco e de classe média.

II – DESVENDANDO AS NUANCES DA DISCUSSÃO ÉTNICO-RACIAL

Este estudo terá algumas categorias básicas para a discussão acerca do tema em questão como as relações étnico-raciais, juventude e identidade. No entanto, para



compreender as nuances desse debate, é de fundamental importância entender a origem e como se classifica e se difundem os conceitos de raça e etnia em nossa sociedade.

Pode-se afirmar que os paradigmas das relações étnico-raciais são importantes fatores para a compreensão das relações sociais, do estilo de vida de determinados grupos sociais, além de serem formas de explicar as pressões e o reconhecimento das identidades individuais em suas singularidades, como também no reconhecimento político das identidades coletivas, aspectos estes considerados relevantes nas relações sociais e, portanto parte da agenda das políticas públicas.

Em síntese, é importante ressaltar que raça é um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. E o grupo étnico surge no lugar da raça como um elemento definidor da identidade dos grupos humanos. (MUNANGA: 1996).

O conceito de etnia é mais amplo e congrega as complexidades das aglutinações e dinâmicas que ultrapassam a esfera biológica (melanina) permitindo a percepção do ser humano, dos indivíduos na sua diversidade nas suas dimensões social, histórica e cultural.

O conteúdo da raça é morfo-biológico enquanto o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.

Essa discussão étnico-racial incorpora, também, o debate acerca das relações de gênero as quais perpassam por vários vieses do nosso cotidiano. A reflexão sobre essa categoria é estruturada por várias relações de poder, de subordinação, de hierarquização na sociedade, dentre outras formas de sujeição.



III – INTERFACES COM A JUVENTUDE NEGRA E O CUCA

O termo juventude é utilizado como categoria social, segundo Groppo (2000). Ele se torna, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social, ou seja, representa uma construção simbólica, criada pela sociedade, para dar significado a uma série de atitudes e comportamentos de certos indivíduos. Portanto, retrata, simultaneamente, uma série de características comuns desses indivíduos.

Segundo Melucci (1995 apud BADARÓ et. al., 2011, p. 4) a juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade.

Essa terminologia, no caso, é vista apenas como uma representação simbólica, pois não podemos delimitar o que é ser jovem somente pelo limite etário. As influências sociais, econômicas ou culturais fazem com que a determinação se estenda ou diminua, de acordo com cada segmento. Por razão dessa diferenciação de significados, para as pessoas de diferentes classes sociais, étnicas e econômicas, esse termo deve ser adotado no plural: “juventudes”. Por isso nos motiva compreender qual o significado de ser jovem e negro para este segmento populacional em Fortaleza?

Trata-se de uma fase vivida de maneira heterogênea, fazendo com que se apreenda não somente uma, mas diferentes culturas juvenis. Todavia, apesar dessa diferenciação entre as juventudes, existem elementos em comum, por conta, talvez, da influência da cultura de massa e da globalização. Porém estas “juventudes” tendem a omitir ou excluir as implicações étnicas e raciais nas trajetórias de vida dos/as jovens, principalmente, daqueles que pertencem às camadas populares mais vulneráveis.

A implicação das classes nas diferentes experiências da juventude, inicialmente se originou, a imagem da “juventude ideal” que está ligada aos elementos urbano, ocidental, branco e masculino. Posteriormente, incorporam-se os grupos rurais, não-ocidentais, negros, amarelos, mestiços e mulheres.



A distinção dos grupos juvenis é ressaltada a partir da diferenciação em relação ao gênero, etnia, classe e estrato social e quanto ao ambiente urbano ou rural. Devido a essas diferenças é que irão surgir diversos grupos juvenis, que começarão a adotar sua maneira de ver o mundo, seus gostos, símbolos e roupas, como se vê na definição abaixo:

A criação das juventudes é um dos fundamentos da modernidade e a existência da multiplicidade quase que incontrolável de juventudes é um sinal de que este fundamento, assim como outros fundamentos da modernidade, possui suas contradições. A diversidade das juventudes modernas é um dos frutos das contradições dos projetos modernizadores que objetivaram as faixas etárias preparatórias à maturidade. (...) Ou seja, a multiplicidade das juventudes não se funda num vazio social ou num nada cultural, não emerge de uma realidade meramente diversa, ininteligível e esvaecida. Tem como base experiências sócio-culturais anteriores, paralelas ou posteriores, que criaram e recriaram as faixas etárias e institucionalizaram o curso da vida individual. São projetos e ações que fazem parte do processo civilizador da modernidade. (ibidem, 2000: p.18-19).

No mundo contemporâneo, a relação entre as “juventudes” e a modernidade tende a se tornar complexa, devido à expansão do mercado e ao consumo em escala global. Multiplicam-se os produtos culturais, estilos e tendências vinculadas aos símbolos juvenis, e, também, associados às distintas tribos: *skatistas*, *funkeiros*, *bad boys*, *happers*, *grafiteiros*, etc. Nas sociedades modernas e urbanas, a tendência dos jovens é de aglutinação com grupos que representem o mesmo modo de pensar e agir, além de apresentar um desejo constante de transformação.

Diante dessas significações diferentes, surge a necessidade de investigar as especificidades do jovem negro, que diferente do padrão ideal e da noção moderna de juventude, impressa pela experiência dos jovens burgueses, busca viver sua condição juvenil em torno de diversos fatores e superando inúmeras adversidades. Importante destacar que a juventude negra, historicamente, tem se organizado a fim de construir alternativas na luta anti-racista e pela promoção da igualdade étnico-racial de oportunidades. A cultura, as manifestações regionais artísticas culturais são exemplos de espaços que tem sido tradicionais de participação destes jovens.



Neste sentido, as formas de participação da juventude negra apresentam uma contribuição ímpar à luta do povo negro, na qual buscam aperfeiçoar sua capacidade de desenvolver um protagonismo, aqui ressaltado, dentro de movimentos artísticos culturais e fortalecendo sua capacidade de se reinventar e de sonhar, onde o maracatu contribui consideravelmente, aparecendo como elemento fundamental neste processo de vivência de situações juvenis voltadas para a valorização do ser negro.

Para compreendermos melhor esta relação de políticas sociais e juventude negra em Fortaleza, tomaremos como local de pesquisa o CUCA – Che Guevara, que representa um equipamento público promotor de cultura, esporte e formação situado no segundo bairro mais populoso de Fortaleza, a Barra do Ceará. Inaugurado em 2009, tem a capacidade de atendimento de 3.500 jovens por dia, este espaço já é considerado o maior equipamento cultural público da América Latina.

Neste local, são realizadas diariamente atividades e tem como missão estimular o respeito à diversidade socioeconômica, política, ideológica, cultural e sexual dos jovens, reconhecendo o pluralismo, as diferentes identidades e suas formas de expressão, construindo um novo patamar de empoderamento e autonomia da juventude de Fortaleza, segundo seu sítio. Realiza cursos em diversas áreas do conhecimento, como teatro, audiovisual, gastronomia, música, fotografia, circo, dança e comunicação. Os cursos são gratuitos e voltados para jovens de 15 a 29 anos.

A escolha do referido equipamento público diz respeito ao fato de ser um equipamento institucional responsável pela coordenação, elaboração e implementação de políticas públicas culturais para os jovens, atuando nos eixos educação e cultura não-discriminatórias; prevenção e enfrentamento à violência; inclusão social e autonomia; participação e controle social. Para tal, exerce atividades grupais com os jovens, trabalhando nesse espaço alguns destes eixos.

Ao objetivar intervir junto aos jovens negros participantes deste equipamento, almejamos compreender como é discutido neste espaço a consciência de sua pertença étnico-racial e, compreender quais as formas de expressão cultural da juventude negra em Fortaleza neste equipamento cultural. As formas de resistência da juventude negra no campo cultural muitas vezes se objetiva através, da capoeira, dos terreiros, dos



quilombos, rodas de samba, hip hop, funk porém são muitas vezes afirmados como espaços de marginalidade.

Por isso percebemos a necessidade da discussão acerca destes jovens sobre sua identificação negra, sua maior inserção social e cultural dos/as jovens e o conhecimento dos seus direitos enquanto jovem e cidadão, a construção de outra história como jovem negro/a e morador/a da periferia com certeza irá provocar não só mudanças subjetivas, mas, também, físicas em sua construção como sujeito coletivo.

IV – JOVEM E NEGRO: ENTRE CAMINHOS E CONSTRUÇÕES DA SUA IDENTIDADE

As condições de existência do jovem e negro, em especial a sua diversidade e pluralidade, são diluídas pela violência e discriminação sofridas em seu cotidiano, sendo assim massacrados pela intensa presença do sexismo, do racismo e da homofobia na sociedade. Diante disso, além de pôr em cheque a condição humana da juventude negra, essa sociedade repleta de contradições, antagonismos e desigualdade, proporciona a essa juventude uma condição social que se depara constantemente com uma exclusão mais acentuada.

Diante do exposto, ressalta-se que, ao olhar as desigualdades sociais e raciais historicamente construídas, na sociedade brasileira, com os recortes geracionais e de etnia, percebemos que essas contradições são vivenciadas de forma diferente pelos diversos segmentos sociais. Entre os mais atingidos negativamente por essas contradições estão, por exemplo, os jovens negros e pobres.

Não é à toa que muitos jovens participantes das atividades do CUCA, negam sua origem étnica devido ao preconceito velado que se estabelece na realidade brasileira, tendo por base uma falsa “democracia racial”. Dados recentes demonstram a imensa disparidade ainda existente, na contemporaneidade, entre jovens negros e brancos nos diferentes espaços sócio-ocupacionais. Estima-se atualmente, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (2010), que 97 milhões de pessoas se declararam negras, ou seja, pretas ou pardas, e 91 milhões de pessoas, brancas. A população negra, segundo o mesmo registro, é mais jovem e mais pobre, pois muitos dos



negros não conseguem atingir a velhice. A proporção de negros com 60 anos ou mais no total da sua população foi de 9,7% e a de brancos de 13,1% em 2009. Isto se deve ao nível de violência e homicídios a que muitos negros estão expostos no decorrer de sua vida.

Com relação a especificamente a categoria em estudo, jovem e negra, segundo dados do IBGE (2010), o país conta com cerca de 11,5 milhões de jovens negros de 18 a 24 anos de idade, o que representa 6,6% da população brasileira. A taxa de analfabetismo, de 5,8%, é três vezes maior do que a observada para os jovens brancos (1,9%). Em média, os jovens negros têm dois anos a menos de estudo do que os brancos da mesma faixa etária: 7,5 anos e 9,4 anos, respectivamente.

Aos nos interessarmos apreender as concepções, crenças e valores dos jovens negros atendidos no CUCA – Che Guevara, em Fortaleza, optou-se por uma metodologia de natureza qualitativa, tendo em vista que o foco é compreender o que os interlocutores compreendem por ser jovem e negro, sua identidade e cultura. O eixo estruturante em termos metodológicos para coleta de dados será o uso das tecnologias sociais, tais como: formação de grupos, técnicas dialógicas, exibição de filmes, oficinas temáticas, grupo focal, fotolinguagem. As metodologias são de caráter participativo, buscando compreender o que estes (as) pensam sobre a identidade e juventude negra.

IV – CONCLUSÃO

Consideramos relevante, para os estudos das relações étnico-raciais em sua articulação com a formação profissional do assistente social, empreender uma investigação científica na busca de compreender de que forma os jovens negros atendidos pelo CUCA – Che Guevara compreendem ou não a identidade negra, de que forma esta se expressa a partir de atividades culturais em seu cotidiano.

No decorrer do percurso deste estudo, é importante frisar alguns resultados importantes, entre eles que no CUCA não existe especificação na documentação acerca da juventude negra, o que dificulta nossa busca e elaboração de dados. Além disso, nota-



se que não há um debate aprofundado sobre juventude negra pela equipe pedagógica do CUCA, havendo apenas eventos esporádicos sobre (semana da Consciência negra) a juventude negra.

Importante destacar, por fim, que no que tange aos benefícios, o objetivo é fornecer dados sobre a compreensão sobre a relação entre juventude e sua identidade negra, a partir de movimentos artísticos-culturais, na realidade fortalezense, grande palco da juventude.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APLICADA, Instituto de Pesquisa Econômica. **Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas: 120 anos após a abolição**. Brasília: Disoc-IPEA, 2008.

BARBOSA, Márcio (org). **Frente Negra Brasileira: Depoimentos / entrevistas e textos**. São Paulo: Quilomboje. 1998.

CARDOSO, Marcos Antônio. **O Movimento negro e a desconstrução do “Mito da democracia Racial”**. In O movimento negro em Belo Horizonte: 1978-1998. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

FILHO, José B. **O serviço social e a questão do negro na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 2006.

IBGE/PNAD. **Síntese de Indicadores sociais - Uma análise das condições de vida da população Brasileira 2010**. Estudos e pesquisas Informações demográficas e socioeconômicas. No. 27. Rio de Janeiro. 2010

JACCOUD, Luciana. **O combate ao racismo e à desigualdade: O desafio das Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial**. In: THEODORO, Márcio (org.). As políticas Públicas e a Desigualdade Racial no Brasil: 120 anos após a abolição, Brasília: Ipea, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **O Anti-racismo no Brasil**. In: Kabengele Munanga (org) Estratégias e Políticas de Combate À Discriminação Racial. São Paulo: Edusp, 1996.



MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

RIBEIRO, Matilde. **As abordagens étnico-raciais no Serviço Social. Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, n. 79, 2004.